

entrevista

[99]

A moda de Ronaldo Fraga

[SILVANA HOLZMEISTER]

Editora-chefe da revista *L'Officiel*.
Mestre em Moda, Cultura e Arte
pelo Centro Educacional Senac São
Paulo e pós-graduada em Moda
e Comunicação pela Universidade
Anhembí Morumbi

Exposição Brit Insurance



Nara Leão - Verão 2007

[100]

Ronaldo Fraga acredita que a moda é, hoje, veículo de transformação. Herdeira da arte, ganha vida sobre o corpo. Não sem emoção, pura pulsação, que ele renova a cada desfile.

Ficou famoso por sustentar suas coleções com histórias palpáveis e levar para a passarela temas fortes. Desde 1996, quando estreou no Phytoervas Fashion, escolheu como inspiração paixões próprias, tão ardorosas que mesmo a singela *Eu Amo Coração de Galinha*, metáfora em torno da identidade, era esplendorosamente criativa. Na seqüência, Nelson Rodrigues, a família, Louise Bourgeois e Arthur Bispo do Rosário, os judeus, Zuzu Angel, uma carta de amor, cerâmica do Vale do Jequitinhonha, Lupicínio Rodrigues, Tom Zé, Drummond, a China e o Rio São Francisco embalaram suas criações e emocionaram uma platéia que se tornou "viciada" na expressão apaixonada de moda do estilista.

Paralelamente ao processo natural de amadurecimento do posicionamento de mercado e do processo criativo/crítico, Ronaldo sedimentou posição particular da relação entre moda e arte. Não aquela banalizada por tendências passageiras, mas a que, segundo ele, possibilita a transformação e/ou transposição para um lugar desconhecido, com direito às emoções próprias da descoberta.

Seu olhar sobre o insuspeito extinguiu limites geográficos e acabou por universalizar, por assim dizer, sua visão particular de roupa e seu suporte, o corpo. Ao se mostrar para o mundo foi parar em galerias. Primeiro em 2001, com a exposição *Com Que Corpo Eu Vou*, com

Nara Leão - Verão 2007



curadoria de Elizabeth Leone, na Universidade Cidade de São Paulo. Em fevereiro deste ano, a convite do Design Museum, em Londres, integrou a mostra *Brit insurance designs of the year*, que celebra, anualmente, o mais inovativo e progressivo no design mundial. Ronaldo foi o único estilista selecionado nas Américas e participou com as coleções inspiradas na China e em Nara Leão. De outubro de 2008 a janeiro de 2009 integrará, ao lado de Jum Nakao e Isabela Capeto a exposição *When Lives Become Form*, no Museu de Arte Contemporânea de Tokyo (www.mot-art-museum.jp), no Japão.

Seu universo é permeado pela arte de maneira geral. Qual a fonte dessa sinergia?

RF — Moda e arte se encontram na possibilidade de transformação e/ou transposição da pessoa para um lugar nunca antes transitado por ela. Uma crítica de arte inglesa diz que a arte acabou, que a força de transformação, antes promovida pela arte, hoje é feita pela moda. Eu concordo.

O que mais o emociona nessa aproximação de linguagens?

RF — O corpo como suporte de um instrumento de transformação.

Entre todas as vertentes da arte, qual a que mais o seduz?

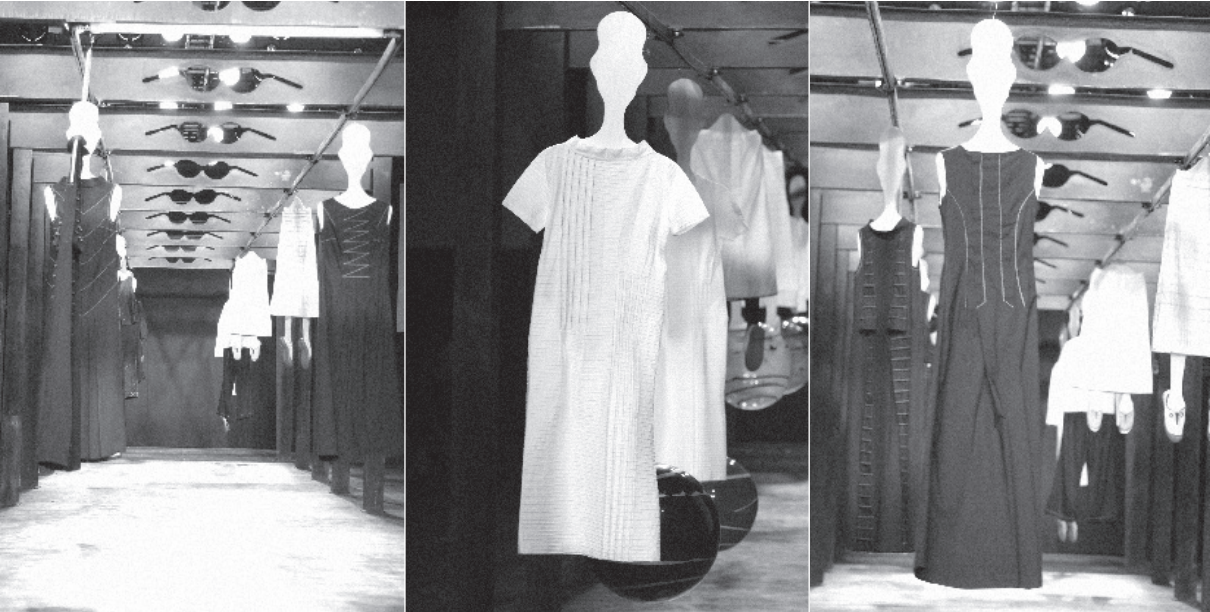
RF — Todas, mas a arte popular realmente me tira do chão.

Nara Leão - Verão 2007



Ronaldo Fraga

Corpo Crú - Inverno 2002



Quais são os nomes mais importantes?

RF — Na arte contemporânea, Rivane, Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Rosângela Renó e Rochelle Costi. Na arte popular, Noemisa, no Jequitinhonha; Oziel, na Paraíba, e J. Borges, em Pernambuco.

[102]

Como a arte, tanto contemporânea como popular, se mescla à sua vontade de moda?

RF — Pelo ponto do olhar sobre o insuspeito.

Devidamente inserida na idéia da coleção em forma de tema, você conecta a arte com cenografia, trilha sonora, cabelo e maquiagem. Essa junção de etapas reflete o universo Fraguiniano?

RF — Acredito que o último momento em que a coleção ainda pertence ao estilista é o do desfile. Tenho muito prazer na elaboração contextual do conceito da coleção. Aliás, antes de criar as roupas, sempre defino a cenografia e a trilha.

Na sua passarela, o processo crítico é tão familiar quanto a temática. Esse é um objetivo inerente ou consequência natural?

RF — As duas coisas. A moda não tem alma sem essas duas faces.

A sensibilidade artística demonstrada em suas coleções tem aproximado você cada vez mais da moda enquanto expressão comportamental e artística contemporânea. Qual sua impressão desse momento?

RF — Esse lugar foi conquistado muito mais de forma instintiva do que intencional. Mas sempre encarei o meu trabalho como canal de comunicação com o mundo ao meu redor.

Que linha liga seu design ao corpo?

RF — A sugestão de um corpo imaginário (pelo menos é essa a intenção).

Ao pensar e trabalhar esse corpo urbano, que desejo lhe vem à mente?

RF — Desejo de emoção.

Muito já foi falado sobre construção e desconstrução do shape. Na sua opinião, ainda é possível surgir uma nova modelagem capaz de ser aceita universalmente?

RF — Acho difícil. Aposto que o novo vai estar cada vez mais no terreno do intangível, ou seja, naquilo de novo que uma simples camisa branca possa provocar.

Seu estilo passou por mudanças nos cinco últimos anos. Em uma rápida retrospectiva, o que caracteriza hoje sua roupa em relação à produção em seus primeiros anos de carreira?

RF — O aumento da produção, a relação direta com o varejo e o mercado internacional foram pontos que influenciaram as mudanças do produto. Agora, com a maturidade, não tenho mais a ansiedade em dizer bilhões de palavras em uma única peça de roupa. Trato as coleções como extensão uma das outras, mesmo com temas tão distintos.

Você é um estilista de Minas Gerais e nunca desejou transferir seu OG para São Paulo, como fizeram outros estilistas de vários Estados. Seu trabalho seria diferente se você não tivesse raízes mineiras?

RF — Acredito que a referência cultural é determinante na identidade de trabalho de criação. Minas é um Estado com uma cultura muito viva e dominante. Querendo ou não, é impossível negá-la.

Quais são os estilistas ou movimentos culturais que o inspiram e como toda essa informação é recebida, uma vez que suas bases regionais são tão sólidas?

RF — Amo as escolas belga e japonesa, pois conseguem melhor que qualquer outro grupo criar um produto de apelo universal com identidade cultural individual de cada país. Este ponto sempre foi direcionador para mim. A Bélgica mesmo circundada por países de culturas fortes e dominantes tem um design extremamente particular e bem resolvido.

Se você se deparasse com um espelho, em que fosse possível ver-se refletido no futuro, como gostaria de se ver?

RF — Ainda estimulado a pesquisar mais uma história para coleção de moda.

[103]

Exposição Guimarães Rosa 2006 - Centro Cultural Usiminas

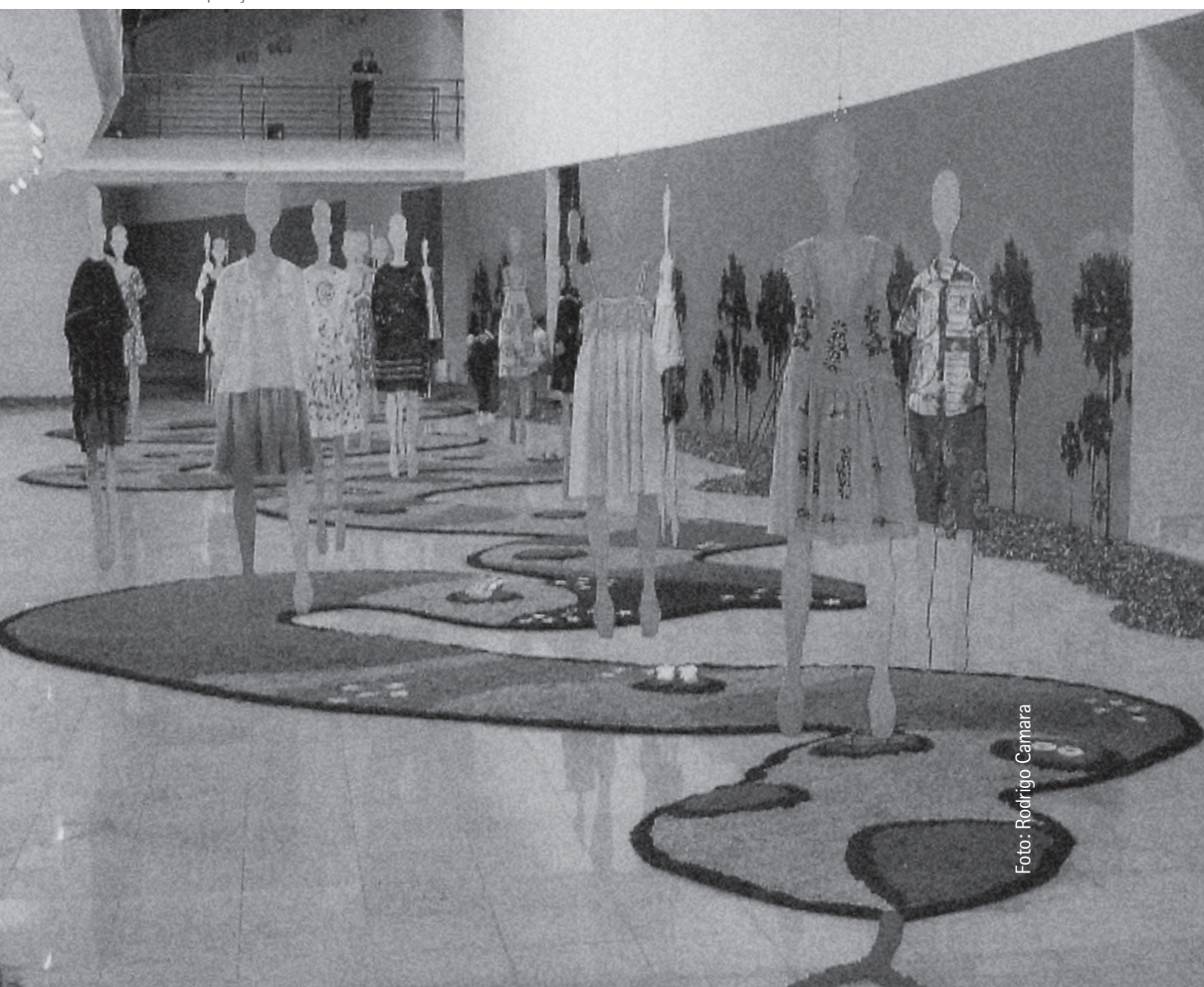


Foto: Rodrigo Camara